

**DOSSIÊ
DOSSIER
DOSIER**

Apresentação do *Dossiê*

As Escrituras Sagradas têm seus segredos e seus ensinamentos. E revela sua sabedoria àquelas e àqueles que se dispuserem a caminhar e meditar por suas vastidões, sabendo que pisam sobre muitos estratos históricos, preservados por meio de muitas memórias artefactuais, tradições orais e escriturações.

A interpretação bíblica são as diferentes portas por onde se pode adentrar em um texto bíblico. Algumas interpretações podem ser divergentes, afinal, “todo ponto de vista é a vista de um ponto”, ensina a sabedoria popular. O importante é conseguir se aproximar ao contexto histórico que gerou o texto e com isso entender o motivo que o produziu. Disso resultará a atualização da mensagem para a realidade da comunidade que o lê.

A novela bíblica é um gênero literário por excelência para esse exercício da interação entre a comunidade que produziu o texto e a comunidade que o lê e o atualiza. Com suas cores próprias, a novela bíblica é um artifício popular que cresce em importância no período posterior ao exílio babilônio (c. 538–145 A.E.C.). Ela assume o papel da profecia na defesa dos direitos do povo em Israel, mantém a esperança e aponta o caminho a seguir. Numa sociedade que cada vez mais centraliza o poder e a religião, a novela bíblica se torna o respiro do clamor popular. De fato, ao primeiro contato com a novela bíblica, sobressalta aos olhos o drama social dos e das personagens centrais do enredo, em sua luta diária pela sobrevivência. É, portanto, e, por isso, que será, prioritariamente, pela porta da leitura sociológica que no presente estudo se adentrará ao texto bíblico.

Seguimos o quanto nos foi possível para um índice seguir a ordem de catalogação “canônica” das obras pesquisadas. Para abrir este *dossiê*, o artigo *Novelas bíblicas* apresenta uma perspectiva de conjunto na medida em que pode ser uma introdução às abordagens específicas. O autor, José Ademar Kafer, leva em conta o contexto cultural e histórico no qual surgiram. Desta forma, ele faz uma aproximação histórica e oferece no texto as condições para uma compreensão da finalidade que originou as novelas bíblicas e a razão pela qual elas são atuais para iluminar nosso tempo.

Em seguida, com o artigo *A fraternidade como forma de governo: a novela de José e as costuras literárias de Gênesis 37–50*, João Batista Ribeiro Santos e Fer-

nando Ripoli pesquisam a forma de governo procurando alcançar o ideário econômico egípcio, sua ideologia. Pela monumentalidade da novel, aprecia-se apenas duas camadas literárias que fornecem sentido e material para o tema. Segue-se ao aspecto literário, a abordagem da economia tanto na perspectiva egípcia quanto israelita e, por fim, um breve “olhar israelita” a partir da situação de vida na colônia persa de Yəhūd.

O texto de Elizangela A. Soares, *A moabita e a metáfora do “outro”: Rute como modelo cultural de solidariedade*, analisa o livro de Rute, surgido no período pós-exílico de Israel, e trata, dentre outras questões, do lugar do migrante e da mulher estrangeira na sociedade. Os exilados judaítas, que retornavam do cativeiro, vinham marcados pela recusa dos valores estrangeiros e construíram uma visão nacionalista e exclusivista. Para eles, em Israel não há lugar para o estrangeiro e a estrangeira. Na verdade, a autora “propõe uma leitura de Rute como metáfora do outro e modelo cultural de solidariedade na relação com o estrangeiro”.

Altierrez Sebastião dos Santos, que, ao apresentar o livro de Jonas, com a pesquisa intitulada *O livro de Jonas: um Deus que abraça todas as pessoas*, chama a atenção de uma teologia que nega outras culturas. O texto de Jonas brinca, com ironia e bom humor, com a fragilidade dessa concepção, que depende da diminuição do outro e da outra para se promover. Esse questionamento trazido pela novela de Jonas é iluminador para pensarmos a nossa realidade, na qual está em ascendência a cultura de violência religiosa, intolerância e fundamentalismo contra quem é, pensa e crê diferente. O Deus da mensagem do livro de Jonas é um Deus que abraça todas as culturas e todas pessoas.

O Livro de Jó é tema do texto de autoria de Jovanir Lage, *Os pobres no livro de Jó: da teologia da retribuição para a economia de retribuição*. O autor apresenta esta novela bíblica como uma narrativa que propõe uma reflexão para além de Israel e de seu povo. Segundo o autor, o livro de Jó é um texto que tem uma importante mensagem para os dias atuais, pois questiona doutrinas estabelecidas, colocando em destaque o tema da justiça, do sofrimento e da religião. Neste sentido, a leitura do livro de Jó deve ser inspiradora para uma teologia que pretende ir além da lógica e dos princípios estabelecidos. Lage aponta que o livro de Jó questiona aquela teologia que afirma que a pobreza, a doença e a dor são retribuição de Deus pelo não cumprimento dos sacrifícios diários estabelecidos pela lei. O Jó visitado pelo autor aqui, redescobre-se na relação com um Deus que defende e resgata o pobre.

A novela de Ester, apresentada por Vanderlei Dorneles, também trata da justiça. O livro de Ester desenvolve sua narrativa no antigo reino da Pérsia, no século V a.C., e é marcado por conflitos sociais e religiosos nos quais se

destacam duas rainhas e dois oficiais da realeza. O autor analisa a obra no artigo *Crise e expiação social: violência coletiva e alteridade no livro de Ester*, a partir do contexto em que se acreditava que, diante de um grande quadro de conflito social, a situação poderia ser resolvida pela morte de supostos culpados. É a teoria do bode expiatório, que ainda em nossos dias é praticada como possível solução para problemas sociais.

O sétimo e último artigo do *dossiê* é de autoria de Sue'Hellen Monteiro de Matos, *Da sedução à morte: uma análise da novela judaica Judite sob a perspectiva de gênero*. Ao pesquisar a novela de Judite a autora traz à luz uma história de “violência, guerra, beleza, sedução e morte”, mas, sobretudo, uma história de coragem, heroísmo e inteligência da personagem principal. A autora apresenta este livro dando enfoque às relações de poder. Após analisar os aspectos históricos, redacionais e literários, a autora dá destaque a uma das mensagens mais diretas do livro de Judite: “qual é o lugar da mulher na sociedade?” O livro de Judite, elaborado com fina teologia, traz esse questionamento direto e incisivo para repensar o lugar da mulher e do homem no mundo do tempo presente.

João Batista Ribeiro Santos
José Ademar Kaefer
Altierrez Sebastião dos Santos
Organizadores do Dossiê

Este número do periódico *Caminhando* oferece ainda aos leitores e leitoras, na seção “Análise Literária”, o artigo *O conto “Nenhum, nenhuma”, de Guimarães Rosa, e os contos de fadas*, no qual Clarissa Catarina Barletta Marchelli “procura compreender de que modo o conto rosiano dialoga com a tradição da literatura maravilhosa, atualizando o princípio do ritual de passagem nas histórias de fadas”. Por uma sequência de sentido, Antonio Carlos Soares Santos faz dialogar a poesia existencialista com a espiritualidade existencialista, mas também talvez situada na assim chamada filosofia cínica, em *Beleza e conflito: a espiritualidade existencial na poesia de Florbela Espanca em diálogo com o livro do Eclesiastes*. No terceiro artigo da seção, Willibaldo Ruppenthal Neto apresenta em *2 Macabeus e os cânones grego, judaico e cristão*, num formato de artigo, o resultado da sua dissertação de mestrado em História, defendido na UFPR; o autor analisa a relevância histórica do livro. E Anderson Yan, com o artigo *O legado dos estudos críticos modernos em Jeremias*, “argumenta que

o estudo crítico em Jeremias não é algo que teve origem na modernidade apesar de que ela impulsionou essa empreitada trazendo consciência para a complexidade do longo processo composicional desse livro profético”.

Na seção “Artigos”, Breno Martins Campos e Aretha Beatriz Brito da Rocha, com o artigo *Aproximações e distanciamentos entre fundamentalismo e pré-milenarismo: por uma tipologia do protestantismo a incluir John Gresham Machen*, propõem “uma contribuição a mais para a inesgotável tarefa de tipologizar o protestantismo”; e Helmut Renders, com o artigo *Expondo os desafios do mundo à Igreja: a linguagem visual de vanguarda da revista Cruz de Malta de 1962*, “descreve e analisa as mudanças da linguagem visual religiosa da revista Cruz de Malta Marcha no ano 1962 que surgem junto com um novo lema da revista, ‘Juventude em luta para um mundo melhor’”.

Na seção “Apresentação de Resultado de Pesquisa”, Edson de Faria Francisco, com *Tetragrama, teônimos e nomina sacra: os nomes de Deus na Bíblia. Breve apresentação e descrição*, apresenta uma das suas importantes obras recentemente publicadas.

Por fim, oferecemos igualmente com muito gosto duas resenhas, a primeira de autoria de Helmut Renders e, em seguida, a de autoria de Graham Gerald McGeoch.

Renovamos o grande prazer em apresentar o periódico *Caminhando*, em uma nova edição, mantendo ativas as mesmas pretensões: dizer o ainda não-dito relevante em favor da vida, não apenas acadêmica, mas também aquela da sabedoria coloquial. Convidamos, portanto, ao ócio produtivo e ao prazer da leitura!

João Batista Ribeiro Santos
Editor